

## Entre os mistérios da Amazônia brasileira, surge o *Chupa-Chupa*: mídia e memória<sup>1</sup>

Phillippe Sendas de Paula Fernandes<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

### Resumo

Quem visita o município de Colares, ilha localizada às margens da Baía do Marajó, Pará, encontra, entre pinturas, placas e pequenas estátuas, representações de naves espaciais e seres extraterrestres. Não à toa, a cidade é famosa pelas histórias do *Chupa-Chupa*, como ficaram conhecidas as misteriosas aparições de luzes que atacavam as pessoas, registradas no final da década de 1970. Nossa proposta é refletir sobre a contribuição da mídia na formação de memória(s) em torno do fenômeno. Para isso, recorreremos à produção midiática sobre o caso no final dos anos 70, e cerca de trinta anos depois, quando percebemos uma retomada do interesse pela história. Levamos em conta seis edições publicadas pelo jornal *A Província do Pará*, em 1977, e o programa *Linha Direta Mistério*, da TV Globo, exibido em 2005, que abordou a operação da Força Aérea Brasileira (FAB) que investigou o fenômeno na região.

**Palavras-chave:** memória, mídia, Chupa-Chupa, Amazônia.

### Misteriosas luzes atacam e apavoram

No governo Médici, o Plano de Integração Nacional (PIN) buscava desenvolver e integrar a Amazônia e o Nordeste. No Brasil da ditadura militar, a ordem era “integrar para não entregar”, o que levou à construção da rodovia Transamazônica, com seus 5.296 quilômetros nunca concluídos (MORAIS et al., 1970, p. 51).

[...] A propaganda oficial falava numa terra de leite e mel, onde crianças tinham escola, os postos de saúde eram acessíveis e a terra fértil.

A ideia partia do eterno pressuposto que a Amazônia era uma terra sem gente, um vazio demográfico que precisava ser preenchido sob pena de a perdermos para a cobiça estrangeira. O Governo Militar pensava de forma megalomaniaca, sempre em termos de grandes projetos, grandes ações. A Amazônia, logicamente, inseria-se nesse processo (MACHADO, 2014, p. 53).

Colares estava bem distante desse desenvolvimento que derrubou a floresta e deixou suas marcas no desmatamento da região e nos conflitos de terra que assolam o Pará até os dias atuais. No entanto, a cidade não escapou de receber uma intervenção militar nos anos 70, mas com outro objetivo. O pavor tomava conta dos moradores da cidade naquela época. A rotina dos pescadores e lavradores mudara completamente, evitando-se caminhadas desacompanhadas. As famílias haviam criado o hábito de se reunir em apenas uma casa

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Bolsista CAPES. E-mail: [psendas7@hotmail.com](mailto:psendas7@hotmail.com).

para realizarem vigílias, acendendo fogueiras e batendo em panelas buscando proteção. Mas toda essa movimentação não foi capaz de evitar um ataque a Claudomira Rodrigues da Paixão, em 18 de outubro de 1977.

Nascida em Colares, a lavradora de 35 anos, alfabetizada, estava com os filhos na casa de uma prima. Aproximadamente uma hora depois das luzes se apagarem na cidade, no quarto onde dormia, Claudomira sentiu uma luminosidade percorrer seu corpo, como uma lanterna, e se fixando em seu seio esquerdo sugando-o. A luz então desceu para sua mão direita, momento em que teve a sensação de ser picada por uma agulha. A vítima relata que tentou gritar por socorro, mas teve seu corpo parcialmente paralisado e com um estranho torpor, seguido de dores na cabeça e na mão direita, amortecimento do lado esquerdo do corpo e grande calor localizado no seio. Essas informações fazem parte de um relatório produzido pela Aeronáutica que também registrou as palavras que, supostamente, Claudomira disse após ter sido atacada: “Eu já estou estragada. O bicho me chupou”.

- CLAUDIOMIRA RODRIGUES DA PAIXÃO, idade 35 anos, alfabetizada.  
 DATA/HORA - 18 OUT 77, às 23:00 horas.

Ouvida pelo Sr Chefe da 2a. Seção; Disse que, estava acordada deitada em uma rede e em sua companhia estava uma senhora e seus filhos; que sentiu uma luminosidade (a luz da cidade havia apagado às 22:00h) que percorreu todo o seu corpo (como uma lanterna) fixando-se no seio esquerdo sugando-o, desceu após para sua mão // direita ocasião em que sentiu como se fosse picada por agulha; gritou por socorro, sem ser atendida, sua voz ficou presa na garganta, seu corpo ficou semi-paralizado; o ambiente ficou totalmente iluminado por luz esverdeada; sentiu estranho torpor, sendo despertada pela voz de sua acompanhante que chamava atenção de uma das crianças dizendo na ocasião : Eu, já estou estragada (SIC), o "bicho" me // chupou. Disse ter sentido grande calor localizado no seio esquerdo e dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento e lado esquerdo do tórax (como se comprimido) internamente). Foi atendida pela Dra. Wellaide, que a encaminhou ao IML; ali foi examinada por uma doutora e informada que deveria voltar para fazer novo exame.

Nota - Sobre a incisão (feita no IML) no seio esquerdo, durante o exame a que foi submetida, nota-se uma área circundante levemente queimada, bem como um leve e quase imperceptível sinal em sua // mão direita, exatamente nos locais que diz ter sido atingida.

**Figura 1** Depoimento de Claudomira Rodrigues da Paixão sobre o ataque do *Chupa-Chupa* em relatório do Ministério da Aeronáutica, resultado da Operação Prato em 1977. Disponível em: <<http://www.fenomenum.com.br/ufo/casos/1970/documentos.htm>>.

Claudomira sentiu as consequências que eram relatadas com frequência por outras vítimas das luzes misteriosas que vinham do céu: paralisia, palidez e queimaduras. Acreditava-se que essas luzes sugavam o sangue das vítimas, o que tornou conhecido o fenômeno como *Chupa-Chupa*. O que impressionava era que os moradores atacados,

muitas vezes, viviam em localidades distantes e nem se conheciam, mas descreviam de maneira similar o ataque das luzes e o que elas causavam.

[...] O segundo caso que foi examinado pela especialista de saúde foi uma moça, da Vila de Genipaúba. No caso, a luz assassina entrou pela janela e a atingiu à altura do pescoço. Os pacientes, dia a dia iam chegando. A jovem profissional já não sabia o que fazer diante do fluxo das vítimas. [...] Usando luvas precárias deteve-se nas queimaduras apresentadas. Examinando-as lembrava-se das produzidas pelas bombas de cobalto. As lesões tinham dois orifícios paralelos parecidos a picadas de agulha. Ao observar com mais cuidado, verificou uma intensa vermelhidão na área atingida, indolor, logo a seguir os pelos começavam a cair e a pele descamava em pouquíssimo tempo (CAVALCANTE, 2014, p. 29).

Aos 22 anos, a médica Wellaide Cecim Carvalho era a responsável pela unidade de saúde de Colares. “Chuparam meu sangue!”, era uma queixa comum entre as vítimas. Pela primeira vez na história, a Força Aérea Brasileira (FAB) desenvolveu um esquema para investigar os casos hipoteticamente de natureza ufológica que ocorriam na região. A Aeronáutica iniciava a Operação Prato<sup>3</sup>.

A proposta deste artigo é refletir sobre a contribuição da mídia na formação de uma memória coletiva em torno do fenômeno *Chupa-Chupa*. Para isso, recorreremos à produção midiática em torno do fenômeno, especificamente em dois momentos: no final dos anos 70, quando os ataques ocorreram; e cerca de trinta anos depois, quando percebemos uma retomada do interesse de parte da mídia brasileira pelo caso. Portanto, levamos em consideração seis edições publicadas sobre o tema pelo jornal *A Província do Pará*, em 1977, e o programa *Linha Direta Mistério*, da Rede Globo de Televisão, exibido em 2005, que abordou a operação da FAB na região. Nossa estrutura teórica realiza um percurso no qual se discute, inicialmente, algumas noções sobre memória, apresentando, em linhas gerais, reflexões do pensamento pré-moderno. Posteriormente, recorreremos ao trabalho de Maurice Halbwachs (2003), um dos precursores na abordagem da memória em relação ao indivíduo e a sociedade, para compreendê-la como uma construção social que resulta na chamada memória coletiva. As contribuições de Michael Pollak (1992; 1989) sobre o processo de enquadramento de memória também foram consideradas justamente por levar em conta esses processos de disputa e imposição pela qual passa a memória. Vale ressaltar ainda que a proposta de estudo da história da comunicação desenvolvida por Michael Schudson (1993), na qual se trabalha a relação dos meios de comunicação com a história

---

<sup>3</sup> Segundo Reginaldo de Athayde (2000, p. 162), a Aeronáutica passou cerca de quatro meses na região e documentou os fenômenos, inclusive com filmes que eram enviados para Brasília. Entretanto, não se soube realmente a que conclusão a Operação Prato havia chegado porque o material era secreto para civis.

cultural, política, econômica e/ou social de um determinado lugar, nos serviu de orientação para compreender até que ponto as mudanças sociais afetam a mídia e vice-versa.

### **Memória: conhecimento, experiência e percepção**

O interesse pela memória se identifica em diversas pesquisas que vêm se desenvolvendo ao longo dos anos. Em meio a diferentes abordagens, pontos de vista concordantes ou não, algumas discussões que se fazem hoje sobre o tema sofrem influência do pensamento pré-moderno. Diante da impossibilidade de uma descrição profunda e consistente, buscamos alguns elementos considerados relevantes a fim de apresentar uma reflexão que nos parece tão distante, mas que ainda marca os estudos da memória.

Nos diálogos de Platão (428/427 a. C. – 348/347 a. C.), notadamente *Mênon*, *Teeteto* e *Sofista* – que marcam diferentes fases do filósofo –, várias questões são apresentadas, como a discussão em torno do espaço público, a relação entre conhecimento e opinião, e a diferença entre a sensação e a essência. Os três diálogos convergem para aquilo que estudiosos destacam como a teoria da reminiscência. Platão desenvolve essa teoria baseada numa hipótese inatista na qual um saber é ponto de partida para todo o conhecimento. Vale ressaltar que o filósofo desenvolveu o pensamento que considera a existência de um mundo das ideias sobrepondo-se ao mundo material, sendo que a essência das coisas encontra-se no mundo das ideias e, no mundo material, só teríamos acesso às sombras do primeiro.

O homem teria acesso ao mundo das ideias antes de vir ao mundo material, mas o conhecimento lá adquirido seria esquecido e só poderia ser lembrado por meio da rememoração, ou seja, conhecer é lembrar. Sócrates, em *Mênon*, exemplifica essa ideia após fazer várias perguntas a um escravo e provar que a suposta ignorância dele em relação às questões geométricas era falsa. Isso reforça a relação entre aprendizagem e rememoração e a capacidade que os filósofos têm de trazer à tona o conhecimento esquecido por meio da maiêutica, método socrático aplicado ao escravo de *Mênon* que, a partir dos diversos questionamentos, retomou o conhecimento não inexistente, mas adormecido.

Da Academia de Platão, após a morte do filósofo, saiu Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.). O discípulo de Platão, a partir da metáfora da impressão, vincula memória à experiência, especificamente a experiência do corpo. A visão aristotélica de conhecimento se diferencia da platônica, pois o conhecimento seria um processo cumulativo que depende

da capacidade de retenção de dados sensoriais para seguir adiante. Desse modo, Aristóteles estabelece uma relação entre memória e afetos, sensações e emoções.

Memória, portanto, não é nem percepção sensorial nem pensamento, sendo sim um estado ou afecção de uma ou outro no decorrer do tempo. Como foi dito, não é possível haver memória de algo no presente enquanto presente, sendo a percepção sensorial que se refere ao que é presente, a expectativa ao que é futuro, e a memória se referindo ao que é passado. Toda memória, portanto, implica o decorrer do tempo. Consequentemente, pode-se dizer que somente os seres vivos que têm percepção do tempo se recordam e que o fazem com a parte de si que dele tem percepção (ARISTÓTELES, 2012, p. 76).

Na visão materialista de Aristóteles, dando destaque às sensações, o filósofo traz à tona o processo de revocar, que seria a capacidade do homem de perscrutar sua memória. É isso que vai nos diferenciar dos animais que não dominariam a capacidade de revocar, ato que envolve essencialmente a consciência.

Séculos mais tarde, marcando uma transição da filosofia clássica para a escolástica, Santo Agostinho (354-430) elabora a teoria da iluminação divina, alicerçada na teoria platônica das ideias. Enquanto Platão acreditava que, antes de chegar ao mundo material, o homem conhecia a essência das coisas no mundo inteligível – o que seria esquecido posteriormente –, Agostinho atribuiu a Deus a função de depositante de muitos conhecimentos no homem e que a alma os utilizaria a partir do momento que recordássemos. Numa síntese entre as ideias de Platão e o Cristianismo, Santo Agostinho (1996, p. 12-3) marcou suas reflexões em torno da relação entre fé e razão, destacando o problema da felicidade como um dos grandes motivos para se realizar o pensar filosófico.

Em uma bela metáfora da memória como “ventre da alma”, nas suas angustiantes *Confissões*, o filósofo destaca que nos palácios da memória se encontram imagens incontáveis que só lá existem graças às nossas variadas percepções; um grande receptáculo, em que não são os objetos que adentram, mas suas imagens:

[...] Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 266-7).

O frenesi dessa cultura de memória, que faz parte da nossa sociedade assombrada pelo esquecimento, se concretiza de várias formas, como já mencionamos: desde o proposital souvenir da viagem fartamente registrada em fotos e vídeos, passando pela moda *vintage*, até os arquivos pessoais resguardados nos “palácios da memória” dos



computadores e celulares. Após essa retomada das ideias de filósofos tão distantes de nosso tempo, mas que muito influenciaram os que pensam sobre memória, inclusive atualmente, vale questionar, diante do objeto deste artigo, como a mídia contribui para formar uma memória coletiva, nesses tempos em que (parece) esquecer é proibido.

### O “vampiro interplanetário” chega à imprensa paraense

Em 1977, os três principais jornais do Pará fizeram a cobertura dos ataques das luzes misteriosas em Colares e em outros municípios da microrregião do Salgado, no nordeste paraense: *A Província do Pará*, *O Estado do Pará* e *O Liberal*, de acordo com os dados observados na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, se dedicaram ao tema em pelo menos três meses<sup>4</sup> daquele ano, conforme a Tabela 1 apresenta.

**Tabela 1**  
 Jornais paraenses na cobertura das luzes misteriosas em 1977

Jornais	Edições em 1977			
	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
<i>A Província do Pará</i>	-	1	4	-
<i>O Estado do Pará</i>	-	3	9	4
<i>O Liberal</i>	-	5	5	3
<b>Total/mensal</b>	-	9	18	7

Em pequena nota na edição de 5 de novembro de 1977, o jornal *A Província do Pará* registra as considerações sobre a atuação do Comando Aéreo Regional nas localidades onde ocorria o fenômeno *Chupa-Chupa*. No canto da página, o texto destaca o posicionamento do tenente-coronel Camilo, oficial assistente nas investigações, que é categórico ao afirmar que tudo se tratava apenas de ilusão de ótica, justificando-se pelo “baixo nível intelectual” da população:

[...] “Os moradores confundiram os satélites artificiais existentes na região e os meteoritos que riscam os céus, com naves extraterrenas.

As reações orgânicas que sofrem as pessoas que travam conhecimentos com os seres ditos interplanetários, – comentou – são provenientes de uma reação de temor. Tudo tem por causa os vários comentários prematuros sobre o problema. As pessoas que falam desconhecem qualquer senso de lógica.

[...] Se realmente o problema vir a se tornar realidade, o mesmo será encaminhado ao Ministério da Aeronáutica, para que com a supervisão de ‘experts’ consiga se chegar a uma resposta objetiva sobre o problema”, concluiu o tenente-coronel Camilo (Jornal *A Província do Pará*, 5 nov. 1977, p. 11).

<sup>4</sup> Entre os três jornais, apenas *A Província do Pará* não publicou reportagens sobre o *Chupa-Chupa* no mês de dezembro de 1977. O jornal *O Liberal*, fundado em 1946, é o único do período que ainda está em circulação no estado; *A Província do Pará*, criado em 1876, encerrou suas atividades em 2001 e até hoje é a mais duradoura publicação periódica da Amazônia; *O Estado do Pará*, que teve sua edição inaugural publicada em 1911, não circula mais desde 1980. Cf. Biblioteca Pública do Pará, 1985.

Histeria coletiva, alucinação, medo e pavor, sensacionalismo, fértil imaginação de pessoas simples. As versões atribuídas pela imprensa ao fenômeno das luzes que atacavam no interior foram muitas. Curioso é observar que a partir das primeiras notícias publicadas em outubro de 1977, o *Chupa-Chupa* também passou a fazer vítimas em outras cidades, chegando até mesmo aos bairros da periferia de Belém. As entrevistas das reportagens recorriam sempre às vítimas do foco, além de médicos e religiosos que também eram consultados com frequência para apresentarem seus pontos de vista, quase sempre, desmentindo os fatos. Essa posição não é compartilhada pelo jornalista Carlos Augusto Serra Mendes, um dos repórteres responsáveis pela cobertura dos aparecimentos de OVNI nos céus do interior para o jornal *O Estado do Pará*. Em entrevista divulgada pela *Revista UFO* em agosto de 2010, ao ser questionado sobre o que seria o *Chupa-Chupa*, Mendes responde que ainda não encontrou uma explicação próxima ao que os moradores viveram naquele ano, diante de tamanha situação inusitada. Além disso, é contundente ao derrubar as justificativas atribuídas ao fenômeno como histeria coletiva: “[...] Não cabe mais a ninguém dizer que os fatos foram inventados ou produto de psicose coletiva de caboclos pobres e ignorantes do Pará. Isto, além de visão preconceituosa, é de uma burrice atroz”<sup>5</sup>.

De modo geral, os jornais possuem sua dinâmica de trabalho definida: hierarquização dos cargos, linha editorial, editorias, vínculo com agências de notícias, entre outros. Serão os jornais que estamparão, no outro dia, realizando um exercício de seleção, um acontecimento considerado relevante para os leitores. Diante disso, vale considerar a importância do trabalho narrativo da mídia no processo de construção da memória. Michelle de Oliveira (2008, p. 2) destaca que a construção da narrativa modela a memória e a identidade social, ordenando seus elementos. É nesse processo que grupos buscam agir para legitimarem seus discursos e versões históricas. É possível estabelecermos então uma relação entre o enquadramento e a construção da memória na mídia que, além da produção e difusão dos acontecimentos por meio de formas simbólicas, passam a arquivá-los em sua materialidade.

Halbwachs (2003) ancora seu pensamento na impossibilidade de se ter uma memória estritamente individual porque só somos capazes de lembrar a partir do momento em que nos colocamos na perspectiva de um grupo com o qual nos identificamos. Nessa relação direta entre memória e identidade social, o sujeito é social e a memória é sempre

---

<sup>5</sup> MENDES, Carlos. Exclusivo: Entrevista inédita com o jornalista Carlos Mendes, que investigou UFOs na Amazônia. [20 ago. 2010]. Campo Grande: **Revista UFO**. Entrevista concedida a A. J. Gevaerd.

coletiva. As lembranças individuais seriam uma forma de conscientização da própria representação coletiva.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Considerando o caráter social da memória e a sua capacidade de produzir o valor simbólico das memórias individuais, como afirma Halbwachs (2003), convém acrescentar o ponto de vista semelhante de Michael Pollak (1992) que apresenta a importância do “outro” para a constituição da memória e da identidade. Além disso, ressalta as negociações pelas quais memória e identidade passam em seus processos permanentes de construção e desconstrução.

[...] Podemos, portanto, dizer que a *memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5, grifos do autor).

O enquadramento da memória é de grande relevância porque irá “definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes” (POLLAK, 1989, p. 9). Essa constituição de sentimentos de pertencimento estabelece a relação direta existente entre memória e identidade, que também se assemelham por estarem envolvidas em processos de construção de sentidos.

Buscamos refletir sobre a produção midiática em torno do fenômeno *Chupa-Chupa* – nesse primeiro momento, referente ao final da década de 1970 –, em que a imprensa escrita paraense foi hegemônica no relato e registro dos fatos. A partir desses jornais, testemunhos de moradores e alguns relatórios produzidos pela Aeronáutica, vários pesquisadores têm se dedicado na investigação do tema. Nossa preocupação não é questionar a veracidade do ocorrido. Ousamos aqui considerar que a presença da imprensa numa localidade relativamente distante da capital do estado e, até então, pouco atraente do ponto de vista da noticiabilidade, foi muito relevante para a divulgação e a preservação dos fatos, contribuindo para a construção de uma memória que povoa o imaginário local, marcando dessa forma a identidade desse povo até hoje. Talvez a Ilha de Colares, graças às luzes misteriosas que atacaram tantos e que chegaram também às páginas dos jornais na época, estivesse alcançando seu reconhecimento a partir de então.



Entre as seis edições do jornal *A Província do Pará* que selecionamos para análise, apenas duas não fazem menção direta às luzes misteriosas, mas levamos em consideração por acreditar que, em meio às várias notícias sobre o fenômeno, ser publicada uma matéria, ressaltando as belezas arquitetônicas e naturais da região, poderia servir de estratégia para enfraquecer a ideia de que os moradores estavam vivendo uma histeria coletiva<sup>6</sup>. É importante ressaltar que entre os municípios que estavam sofrendo com os ataques, o mais desenvolvido e de acesso mais fácil era Vigia de Nazaré. Por isso, é a cidade que tem mais destaque nas edições de *A Província do Pará*. A outra edição vai abordar, de maneira geral, a crença ou não em discos voadores, considerando a discussão realizada entre cientistas estrangeiros.

Em 20 de outubro de 1977, o principal jornal do Pará, inicia sua cobertura sobre os objetos não identificados, destacando em sua capa o medo das pessoas que viviam nas localidades atingidas. Do caderno *Polícia*, surgem diferentes testemunhas relatando, de maneira semelhante, o que ocorria nos céus da região e como o corpo reagia quando era atacado. A ideia de seres extraterrestres invadindo a Amazônia era uma versão considerada até por autoridades locais.

Por sua vez, o sr. Francisco Meireles, adjunto do Serviço de Águas e Esgotos da Vigia, disse: “Acreditamos que os objetos que vêm sendo vistos por várias pessoas em comunidades diferentes são realmente objetos não identificados por nós da Terra. Levando-se em consideração que devem existir outros planetas habitados em nosso Universo e civilizações de um grau de desenvolvimento muito superior ao nosso, chegamos a creditar que esses seres estejam tentando pesquisar nosso sistema de vida, nossos hábitos, etc. e ainda, talvez preparando-nos para uma futura comunicação, naturalmente quando estiverem em condições de serem por nós entendidos.” (Jornal *A Província do Pará*, 20 out. 1977, p. 15).

Apesar de apresentar a versão oficial da Aeronáutica em que era desmentida a suposta existência de discos voadores, atribuindo as razões do fenômeno à simplicidade da população, o jornal retoma o assunto em 13 de novembro daquele ano, ressaltando que o debate sobre os discos voadores havia “reconquistado um inusitado valor”. Contudo, é somente na edição de 19 de novembro de 1977 que os objetos não identificados são nomeados no jornal como *Chupa-Chupa*. O motivo? As luzes misteriosas passaram a atacar mulheres na periferia de Belém.

Aumenta a cada dia o clima de intranquilidade entre os habitantes de diversos bairros de Belém, acentuadamente na Estrada Nova, Jurunas e Nova Marambaia, em decorrência da aparição da “luz misteriosa”, o “Vampiro interplanetário” já denominado de “chupa-chupa”. Se avoluma a cada 24 horas o número de

---

<sup>6</sup> Vigia: a Ouro Preto paraense. *A Província do Pará*, Belém, 4 nov. 1977. 2º Caderno, p. 5.

possíveis vítimas dessa luz que deixa marcas arroxeadas no corpo, pequenas queimaduras, além de um estado combalido, ataques e desmaios e imobilização dos membros e fortes dores de cabeça que chega a provocar uma quase loucura. Um detalhe que intriga a quantos têm sido atacados pela tal luz, em sua maior parte mulheres, são pequenas marcas, como se fossem picos de injeção provocadas pelo estranho fenômeno, no seio direito das vítimas por onde grande quantidade de sangue seria sugado (Jornal *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).

*A Província do Pará*, ao abordar os ataques do *Chupa-Chupa*, buscava sempre o discurso científico ou religioso para questionar o relato dos moradores. Nessa mesma edição, um frei católico e um pastor protestante apresentaram suas versões: o primeiro destacava a ausência de base científica para o que ocorria, o segundo atribuía o fenômeno às profecias bíblicas sobre o fim do mundo. Entretanto, o tom jocoso em relação ao fenômeno também ganhava espaço nas páginas do jornal,<sup>7</sup> além das mais variadas hipóteses que serviriam de explicação para aquilo que começou no interior, mas que havia chegado à capital.



**Figura 2** Reportagem publicada no jornal *A Província do Pará* em 20 nov. 1977, p. 16. Edição disponível na Biblioteca Pública Arthur Vianna, Pará.

<sup>7</sup> Intitulado *As estórias que o povo anda contando*, o jornal apresentou várias versões que gozavam o fenômeno. Entre elas, destacamos: “Um casal teria pedido desquite ontem no Fórum. O marido ao chegar em casa, após o banho, o jantar e a novela, foi deitar junto com a esposa, que lhe mostrou o seio cheio de marcas, dizendo ter sido vítima da luz misteriosa. A versão não convenceu e agora o lar será destruído. O marido diz que o ‘ricardão’ aproveitou a “deixa” para jogar a culpa na tal luz misteriosa.” (Jornal *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).

Em 20 de novembro, o jornal publicava a sua última edição sobre o fenômeno naquele ano de 1977. O destaque era para um médico que havia examinado as vítimas de Belém e diagnosticado que “as visões observadas por algumas pessoas atacadas pelo ‘vampiro extraterreno’ são frutos do estado d’alma, em sintonia com o inconsciente produzindo uma excitação psicomotora”. Em nove pontos, o médico retomava a ideia de que tudo não passava de neurose coletiva e atribuía aos “meios de comunicação mal orientados” o pânico nos habitantes de “menor poder de raciocínio” (Jornal *A Província do Pará*, 20 nov. 1977, p. 16). Entre as disputas narrativas que se travaram na cobertura sobre o *Chupa-Chupa*, o discurso científico se sobrepôs aos testemunhos dos moradores e o “vampiro interplanetário” encerrava sua aventura assumindo o lugar de mera credence popular numa memória coletiva, pelo menos daqueles que se consideravam de alto nível intelectual, entre as outras memórias sobre o fenômeno.

### **30 anos depois, volta-se a atenção ao *Chupa-Chupa***

A Rede Globo de Televisão exibiu, entre os meses de junho e novembro de 2005, o programa *Linha Direta Mistério*. Com uma abordagem jornalística, foram três episódios que narravam casos considerados inexplicáveis pela ciência, polícia e justiça. O programa ia ao ar sempre às quintas-feiras, 21h50, e sua primeira edição contou a história do incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo, em fevereiro de 1974, quando 189 pessoas morreram. No dia 25 de agosto de 2005, o *Linha Direta Mistério* exibiu para o país a história daquela considerada a única investigação oficial do governo brasileiro sobre extraterrestres: a Operação Prato. Segundo o site *Memória Globo*, “[...] em 1977, a população de Colares, pequena cidade no interior do Pará, se apavorou diante da aparição de um estranho objeto que emitia feixes luminosos que pareciam sugar a força dos moradores e deixá-los em estado de inanição”<sup>8</sup>. Quase 30 anos depois, as vítimas do *Chupa-Chupa*, especialistas em ufologia, acadêmicos e jornalistas voltavam a falar então sobre o caso, dessa vez, em canal aberto de televisão para todo o Brasil.

Diante dos recursos que o meio audiovisual oferece, é interessante observar que o formato do programa *Linha Direta Mistério* mesclava jornalismo e ficção, alicerçado em dramatizações baseadas em fatos reais que contavam também com recursos de computação

---

<sup>8</sup> Cf. MEMÓRIA GLOBO. **Linha Direta Mistério**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/linha-direta-misterio/reportagens.htm>> Acesso em 15 jul. 2015.

gráfica. Das páginas dos jornais dos anos 70, em que os relatos e as fotografias dos moradores de Colares que haviam sido atingidos eram o principal registro sobre o fenômeno, o caso passou a ter, a partir de então, as simulações de como teriam ocorrido os ataques das luzes no município. A ficção levava aos telespectadores – certamente uma maioria que nunca tinha ouvido falar sobre o tema – o pavor daquelas pessoas por meio das simulações que faziam parte dos recursos do programa.

Nessa mediação de formas simbólicas realizada pela mídia, resultando em variados produtos, identificamos ainda, entre 2005 e 2012, pelo menos cinco produções audiovisuais sobre a Operação Prato – utilizando também o recurso das dramatizações e depoimentos –, exibidas principalmente em redes nacionais de televisão, conforme a Tabela 2 sintetiza:

**Tabela 2**  
 Produção exibida em canais aberto ou fechado de televisão sobre a Operação Prato (2005-2012)<sup>9</sup>

<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Produção</b>	<b>Data de exibição</b>
Linha Direta Mistério: Operação Prato	Programa jornalístico	Rede Globo de Televisão	25/08/2005
Arquivos Extraterrestres: o caso Roswell brasileiro	Documentário	The History Channel	17/12/2005
Chupa-Chupa: a história que veio do céu	Documentário	Fundação Padre Anchieta, TV Cultura do Pará e Floresta Vídeo	24/06/2007
Conexão Repórter: OVNIs – Arquivo Secreto	Programa jornalístico	Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)	07/10/2010
Invasão: histórias misteriosas em Colares	Programa de variedades	TV Cultura do Pará	10/05/2012

Destacamos a importância que a exibição do *Linha Direta Mistério* teve na retomada do interesse da mídia brasileira pelo tema, apesar da história do *Chupa-Chupa* sempre ter sido objeto de discussão em revistas especializadas em ufologia. A própria narrativa que o programa jornalístico desenvolveu levou em conta vários pontos de vista sobre essa história e atribuiu certo protagonismo aos relatos das vítimas e testemunhas do fenômeno – sem deixar de ouvir os astrônomos e físicos que possuem um posicionamento cético em relação ao ocorrido. Em linhas gerais, passados quase 30 anos, a história do

<sup>9</sup> *Arquivos Extraterrestres* foi uma série de televisão produzida pelo canal norte-americano *The History Channel*. Em 17 de dezembro de 2005 exibiu em canal fechado o episódio sobre a Operação Prato. O programa *Invasão* integra a grade da *TV Cultura do Pará*, sediada em Belém, e exibiu para 113 municípios paraenses a edição dedicada ao caso de Colares em 10 de maio de 2005. Apenas esses dois programas não foram transmitidos nacionalmente em canais abertos de televisão.

*Chupa-Chupa* ganhou espaço na imprensa nacional e foi abordada de uma nova maneira, contando com os recursos que o meio audiovisual apresenta. As dramatizações dos ataques à população local, as novas entrevistas que não foram publicadas nos jornais paraenses – naquela época o país ainda estava sob o regime militar –, a grande audiência da televisão no Brasil, fizeram com que aquela inexplicável história fosse conhecida por muito mais pessoas. Não podemos perder de vista o dinamismo e as disputas que envolvem a memória. Nessa reconstrução, cerca de três décadas depois, de um passado ocorrido em 1977 os enquadramentos e as (re)interpretações desse passado fazem parte do processo.

“No céu existe algo mais que as estrelas” é a frase que abre o *Linha Direta Mistério*. Seguida da simulação de um ataque dos feixes luminosos, o primeiro depoimento é o da médica que trabalhava na unidade de saúde de Colares e que atendeu várias vítimas no final da década de 70. Fatos reais ou um delírio coletivo? Eis a pergunta que conduz a narrativa dos fatos, destacando-se o ineditismo de uma operação oficial da Aeronáutica para investigar os objetos não identificados. Entre os recursos que o programa utiliza, vale mencionar o uso de recortes dos jornais publicados em 1977 sobre o fenômeno que, geralmente, são exibidos durante os depoimentos das testemunhas e vítimas.

Entre as edições do jornal *A Província do Pará*, analisadas neste trabalho, identificamos vários estudiosos e religiosos atribuindo ao fenômeno o caráter de histeria coletiva. No programa *Linha Direta Mistério*, além dos entusiasmados ufólogos brasileiros, o próprio comandante da Operação Prato, coronel Uyrangê Bolívar de Hollanda Lima, relata com detalhes o que ocorreu na Amazônia naquele período, mencionando o farto material produzido pela investigação, composto de relatórios, quatro filmes e mais de 500 fotografias, além de descrever os objetos como discos voadores. Na época da exibição, o coronel já tinha morrido, e a produção do programa utilizou uma entrevista realizada em 1997. O *Chupa-Chupa*, de mera credence popular, assume o lugar de um dos mais impressionantes casos da ufologia brasileira.

### **Considerações finais**

Os anos 70 marcaram um período de intensa movimentação na Amazônia brasileira. Tempos de conflitos e transformações, amparados pela chegada de um desenvolvimento do qual, até hoje, podemos identificar suas consequências, que foram muito mais do que uma simples integração com outras regiões e a garantia da soberania nacional. Numa pequena cidade da região, nem tão distante da capital do Pará, os militares interviram para investigar



o que causava tanto pavor entre os moradores de Colares, além de outros municípios do estado. O *Chupa-Chupa* já havia feito dezenas de vítimas e as versões eram as mais variadas sobre aquele fenômeno inexplicável.

Neste artigo, nos debruçamos no material produzido pela mídia brasileira sobre o *Chupa-Chupa* em dois momentos: em 1977, por meio das edições publicadas pelo jornal *A Província do Pará*; e em 2005, levando em consideração o programa *Linha Direta Mistério*, produzido pela Rede Globo. Com o objetivo de analisar a contribuição da imprensa na constituição de uma memória coletiva sobre o fenômeno, identificamos que, no início da cobertura de *A Província do Pará*, as vítimas dos feixes luminosos despontavam como protagonistas nas páginas dos jornais. O frenesi causado pelas luzes misteriosas chamou a atenção dos veículos de imprensa para aquelas localidades de população simples e desenvolvimento precário. Contudo, na disputa de sentidos e enquadramentos sobre o *Chupa-Chupa*, o direcionamento do jornal assume um caráter de refutação dos fatos, apresentando as versões de autoridades, especialistas e religiosos que interpretavam o caso como resultado de histeria coletiva e também do baixo nível intelectual daquelas pessoas. O *Chupa-Chupa*, que entre os moradores das cidades atingidas causava terror, nas páginas da imprensa serviu até de gozação.

Quase 30 anos depois, quando o programa *Linha Direta Mistério* retomou essa história do interior amazônico, já vivíamos numa democracia e novos fatos vieram à tona: o comandante da Operação Prato confirmava o ocorrido e destacava a existência de vários relatórios sobre a investigação que estariam de posse da Aeronáutica. As simulações, recurso utilizado na narrativa do programa, apresentaram as situações de pânico que os moradores viveram na época e as vítimas e testemunhas assumiram certo protagonismo, apesar de autoridades e cientistas se mostrarem céticos sobre os casos. O *Chupa-Chupa* assumia o status de um dos mais importantes casos da ufologia do país. Nesse momento, a própria cidade de Colares buscou utilizar a história para desenvolver o chamado turismo ufológico e até o carnaval passou a ser temático: os foliões passaram a ser “ufoliões”.

Apesar de termos contado uma história de caráter local, acreditamos que o fenômeno aqui abordado nos serviu para compreendermos o dinamismo que envolve a memória, que sempre está envolvida em processos de enquadramentos e reelaborações. O *Chupa-Chupa* continuará tendo um caráter diferenciado na construção memorável do imaginário da população local, da mesma forma que assumirá outra posição se levarmos em conta a interpretação dos ufólogos e ainda servirá de inspiração para a criatividade dos mais



céticos. Memória é trabalho e, neste caso, vale falar não apenas de uma, mas de várias memórias coletivas, e a mídia assume um papel relevante em seus processos de construção.

## Referências

### *Fontes bibliográficas*

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. São Paulo: Edipro, 2012.

ATHAYDE, Reginaldo de. **ETs, santos e demônios na Terra do Sol**: repertório de terror e medo no Nordeste brasileiro. São Paulo: Mythos Editora, 2000.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

CAVALCANTE, Agildo Monteiro. **Ilha de Colares na Amazônia**: Fenômeno Prato-Voador. Belém: Editora Café, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MACHADO, Ismael. **Golpe, contragolpes e guerrilhas**: o Pará e a ditadura militar. Belém: IAP, 2014.

MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo; CAMPOS, Roberto. **Primeira Aventura na Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de. Memória e identidade no jornalismo: capital simbólico dos agentes e autoridades para fixação de narrativas. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói, RJ. **Anais eletrônicos...** Niterói, RJ: Rede Alfredo de Carvalho, 2008.

PLATÃO. **Diálogos**: Mênon – Banquete – Fedro. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTO AGOSTINHO. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a lós estudios de la comunicación. In: JENSEN, K. B.; JANKOWSKI, N. W. (Eds.). **Metodologias qualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993, p. 211-228.

### *Reportagens publicadas em jornais*

As evoluções dos objetos nos céus da Vigia. **A Província do Pará**, Belém, 20 out. 1977. 1º caderno, p. 15.

1º Comar afirma que OVNI na Vigia foi pura ilusão de ótica. **A Província do Pará**, Belém, 5 nov. 1977. 1º caderno, p. 11.

Quem acredita em discos voadores? **A Província do Pará**, Belém, 13 nov. 1977. 2º caderno, p. 12.

“Vampiro interplanetário” só gosta de mulher. **A Província do Pará**, Belém, 19 nov. 1977. 1º caderno, p. 14.

Vigia: a Ouro Preto paraense. **A Província do Pará**, Belém, 4 nov. 1977. 2º caderno, p. 5.

“Chupa-Chupa” é só fantasia. **A Província do Pará**, Belém, 20 nov. 1977. 1º caderno, p. 16.

*Programa de televisão*

Operação Prato. **Linha Direta Mistério**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 25 ago. 2005.  
Programa de TV.